

8. A reação ao uso da expressão é sempre enfática e negativa.

9. Está ausente de qualquer imagem do país e do povo de forma explícita.

10. Suscita reciprocidade direta e negativa.

11. Possui um ritual simétrico oposto.

12. Estabelece sempre uma relação negativa.

8. A reação ao uso da expressão é predominantemente positiva; a negativa é sempre expressa de forma branda.

9. É tomado como elemento de identidade social de forma explícita.

10. Suscita reciprocidade difusa positiva.

11. Não possui qualquer situação social que seja a sua simétrica inversa.

12. Estabelece sempre uma relação positiva.

Mesmo apresentando um razoável número de diferenças, as locuções apresentam pontos em comum extremamente significativos. Tanto o *jeitinho* como o “*você sabe*” só podem existir em universos sociais contaminados pela ótica individualista, impessoal, igualitária e anônima. Um universo social holista e hierárquico prescinde de qualquer um desses mecanismos, pois as posições dos interlocutores já estão dadas previamente. Todos sabem “quem é quem” na estrutura social. Tanto o *jeitinho* como o “*você sabe*” não têm sentido para um deputado estadual de Alagoas nem para os habitantes da região onde ele vive. Já é previsto pela lógica do sistema que tratamentos diferenciados deverão ser dados a diferentes pessoas.

Tanto um como outro ilustram igualmente um drama social em que a existência de uma lei ou norma universalizante exige o desempenho de um papel específico, o de indivíduo-cidadão, sujeito à impessoalidade da lei, mas em que o agente deseja ser percebido e julgado por um outro tipo de conduta e papel, que vai justamente de encontro ao designado pela lei. Em resumo, ambos são mecanismos de transformação de indivíduos em pessoas.

E, finalmente, tanto o *jeitinho* como o “*você sabe*” são situações sociais contíguas, isto é, reversíveis uma à outra. O nosso deputado pode, ao chegar ao Rio de Janeiro para tratar de assuntos de interesse de seu município, tentar “entrar” no espírito de um grande centro urbano e partir para o *jeitinho*, falando macio, simpático, de igual para igual, com o “*sujeitinho*” de determinada repartição. Mas, ao ver que, mesmo assim, terá de seguir os procedimentos legais e universais, no sentido de serem obrigatórios para todos, poderá, já desesperado, partir para o “*você sabe*”. Como a história irá terminar não importa. Importa é que as pessoas sabem existir no universo social brasileiro diferentes cursos de ação, lastreados em óticas e visões de mundo inteiramente distintas. Se eu resolvo a situação com o *jeitinho*, com o “*você sabe*” ou submeto-me aos ditames da lei universalizante, não muda o fato de que, ao contrário do que ocorre num universo anglo-saxão, eu tenho várias opções.

O que queremos frisar em relação ao que expusemos é que o importante não é a taxa de sucesso de uma ou outra estratégia de comportamento – isso será importante em um outro nível de discussão –, mas as alternativas que encarnam e o valor atribuído socialmente a cada uma delas.

NOTA

1. Ver o incidente envolvendo o senador Saldanha Derzi e um comandante da VARIG no *Jornal do Brasil* de 02/08/89. O acontecimento é estruturalmente igual ao descrito anteriormente; só mudam os personagens.